



Eliana Campos Pojo Toutonge
Rettyellem Maciel Rodrigues
Waléria Oliveira da Silva
(Autoras)



*As pessoas vão até a natureza e
começam a descobrir coisas que
nem sabiam
(Elisa Ferreira Maciel, 07 anos)*

**ABAETETUBA/PA
2023**

Título original: As pessoas vão até a natureza e começam a descobrir coisas que nem sabiam (Elisa Maciel, 07 anos)
Autoras: Eliana Campos Pojo Toutonge, Rettyellem Maciel Rodrigues, Waléria Oliveira da Silva
Diagramação: Waléria Oliveira da Silva
Ilustração: Crianças da comunidade quilombola Itacuruçá Alto, Abaetetuba-PA
Fotografia da Capa: Rettyellem Maciel Rodrigues
Organização da Capa: as autoras
Tipo de Suporte: E-book/PDF
Editora: as autoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Professora Conceição Solano/UFPA-Abaetetuba-PA

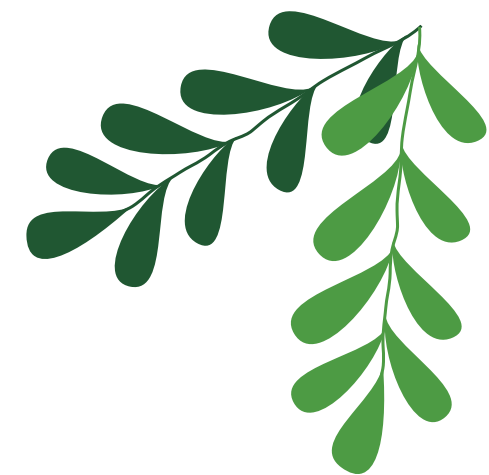
P475p Cartilha Itacuruçá-Alto: as pessoas vão até a natureza e começam a descobrir coisas que nem sabiam (Elisa Maciel, 07 anos) / Eliana Campos Pojo Toutonge, Rettyellem Maciel Rodrigues, Waléria Oliveira da Silva (organizadoras) – Abaetetuba: [As autoras], 2023.
PDF (28 p.); il.

Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/>
ISBN: 978-65-86640-53-3

1. Educação ambiental. 2. Quilombo – Abaetetuba (PA). 3. Educação de crianças. I. Toutonge, Eliana campos Pojo. II. Rodrigues, Rettyellem Maciel. III. Silva, Waléria. IV. Título.

CDD 372.357

Luciane Silva da Silva – CRB-2/1632



SUMÁRIO

Agradecimentos.....04

Prefácio.....05

Apresentação.....07

1- Sobre a comunidade Itacuruçá Alto09

2- O saber- fazer com os pequenos.....13

3- A criança que vive no Itacuruçá Alto.....16

4- Sobre Quilombola.....18

5- A natureza do Itacuruçá Alto.....20

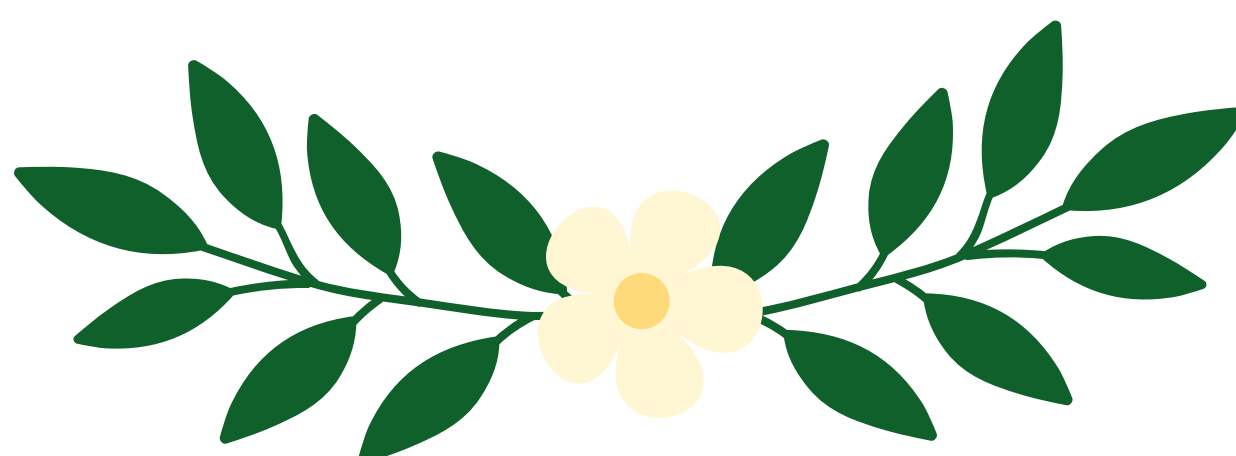
6- Costumes e Tradições da comunidade.....22

7- Desenhos dos espaços do Itacuruçá.....24

8- O brinquedo chamado natureza.....25

9- O intercâmbio dos brincares.....28

10- Referências.....32



Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer as pessoas da comunidade Itacuruçá Alto pela acolhida e recepção durante os encontros formativos, por terem cuidado e zelo, úteis para a manutenção da beleza natural e social atual e encantadora.

Nossa gratidão às crianças participantes do projeto, que nos ensinaram de modo simples o valor e amor a natureza amazônica, comunicada com seus linguajares, brincades, interações. Pela partilha de saberes.

Somos imensamente gratas pela parceria firmada com a EMEIF Nossa Senhora de Nazaré, em especial as professoras e demais funcionários da instituição. A diretora Maria Helena Maciel e Maciel por todo o apoio, disponibilidade e compromisso para o bom aprendizado das crianças. E também ao senhor Franciney Maciel e Maciel pela ajuda no deslocamento até a comunidade.

Agradecemos ainda, o apoio institucional subsidiando com material didático entre outros, além da bolsista. Aqui, fazemos destaque a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX- UFPA) vínculo do projeto e ao Grupo de Pesquisa e Extensão De Bubuia Amazônica (UFPA/CNPQ).

E a todos que contribuíram direta e indiretamente com este trabalho.

Prefácio

Maria Natalina Mendes Freitas¹

Prefaciар uma obra é um grande desafio, principalmente quando a obra desvela uma das faces da Amazônia paraense, pois esta “[...] sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas [...]”, disse o grande poeta Gonzaguinha.

O que esta obra relata, são “lições diárias de outras tantas pessoas” e, digo obra mesmo, porque é fruto de um árduo trabalho de investigação que socializa as vivências de um projeto de extensão, em que as vozes das crianças de educação infantil do campo da Comunidade Itacuruçá Alto, município de Abaetetuba-PA, ecoam em sintonia com a mãe natureza.

Daí, ser necessário aprender, o que nos ensina Didonet, “Para você me educar, você precisa me conhecer, precisa saber da minha vida, meu modo de viver e sobreviver”, porque em territórios amazônicos, a vida está em movência constante, entre o ir e vir das águas barrentas, são elas que orientam o caboclo amazônico, no remanso da preamar, da vazante ou enchente, na melhor hora de pescar ou de apanhar o açaí. No caso são práticas, que integram a experiência dos adultos, espraiando saberes e vivências diárias, e que sabem contar muito bem as crianças.

A obra, tem como matriz pedagógica os brincares assim como transita e relata com propriedade as vivências cotidianas da comunidade de Itacuruçá Alto, com destaque sobre o ser quilombola, intercambiando com os costumes, as tradições, com a produção dos brinquedos construídos com a matéria prima da natureza e o processo dos brincares das crianças entre seus pares.

¹Doutora em Educação. Atualmente é docente da UFPA, Campus de Bragança.

Prefácio

Observa-se que na construção dos brinquedos e das brincadeiras, as crianças são verdadeiros artesãos, criam a partir de seu imaginário os mais diversos objetos e jeitos. Brincam nas águas do rio, sobem em árvores, correm nos ramais (caminhos criados pelos próprios moradores para encurtar a caminhada). É a cultura infantil engendrando novos cotejamentos na arte de inventar os brincares de crianças amazônidas, partilhando e ecoando sobre o inédito viável da/na comunidade.

Aprender com as crianças deve ser o grande desafio de todos nós, de modo especial os educadores/as da infância. Na Amazônia, nas margens dos rios, ainda é possível “[...] brincar nas casas das pessoas” como enfatiza Manuella. O rio é avenida e nas marés cheias se pode pescar, transportar açaí, brincar e ficar de bubaia, também é possível visitar vizinhos e, com eles, brincar. É preciso cuidar das crianças e das infâncias amazônidas, porque é de infância que o mundo tem precisão.

As reflexões tecidas nesta obra, são indicadores que possibilitam e podem orientar o/a professor/a elaborar e organizar o trabalho pedagógico das turmas de educação infantil do campo dessa e até de outras comunidades, em estreita sintonia com os interesses e necessidades da escola do campo. Convido todos/as a lerem esta obra com vigor revolucionário e parafraseando Taiguara, possam pensar assim: “Que as crianças amazônidas brinquem livres, criando, recriando nos espaços de resistência e (re)existência sempre”.

Bragança, julho de 2023.

Apresentação

Colocamo-nos contentes ao partilharmos com o público em geral, fragmentos da investigação e de vivências realizadas junto das crianças de Educação Infantil do Campo, residentes da comunidade da Itacuruçá Alto, por meio do Projeto de Extensão Oficinas de brincar-saber: vivências com a natureza por crianças de comunidades rurais de Abaetetuba-PA², coordenado pela professora Eliana Pojo, integrante das ações do Grupo de pesquisa e Extensão De Bubuia Amazônica com a comunidade, em especial as crianças, demais moradores e professores da EMEIF Nossa Senhora de Nazaré.

Nosso contentamento se mistura com a alegria das crianças, pois tivemos a oportunidade de, com elas, parceirizar momentos, aprendizados e brincadeiras com os quais elas lidam, diariamente, nos cotidianos da vida, da comunidade e da escola. Precisamente, nos debruçamos em suas lógicas e jeitos de estarem no mundo de modo mais livre; dispostas a viver e sentir seu corpo, explorando e absorvendo ao máximo para si e com o meio social. A natureza é vista por meninos e meninas, como um espaço amplo e de conteúdo no diverso de seus elementos, paisagens e sujeitos. Um espaço vivido pelas crianças de maneira divertida, lúdica e com aprendizagens, de convívios e experiências que se contrapõe, infelizmente, ao que acontece na escola.

Especialmente, a criança do campo tem um contato mais direto com a natureza desde tenra idade, seja pelos hábitos e costumes praticados pelos pais tipo o uso da água do igarapé para os banhos, pelo andar descalço, circular no ambiente e utilizar os alimentos produzidos. Essa interação/relação afetiva com a terra, com as águas do rio, o contato com a chuva e a poeira, são partes do cotidiano das crianças pertencentes a esse contexto campestre.

² Edital Proex N° 01 – 2022.

Interessante seria, se os adultos pudessem partilhar dessa visão de mundo em relação à natureza vivenciada pelas crianças de maneira plena, pois os pequenos se veem parte do meio natural, usufruem e absorvem os aspectos mais simples que, muitas vezes, passam despercebidos pelos adultos e, principalmente, no processo educativo escolar.

Em suma, esta cartilha é uma singela retribuição pela parceria com as crianças e com os demais envolvidos no projeto referido bem como um convite a reflexão sobre a importância de valorizar, mais ainda, o desejo e o gosto das crianças pela interação com a natureza. Que tal, nas costumeiras tardes, continuarmos permitindo/apreciando o ambiente amazônico que temos?

Obrigada, meninos e meninas, da Comunidade Itacuruçá Alto, Abaetetuba-PA!

Na expectativa do verão amazônico, Abaetetuba
(abril, 2023).

As autoras



Sobre a comunidade Itacuruçá Alto

O rio Itacuruçá situa a comunidade quilombola de mesmo nome, que fica a 40 km da área urbana da cidade de Abaetetuba, precisamente numa distância de aproximadamente duas horas em viagem fluvial. Itacuruçá significa: encontro de pedra com a cruz, em tupi-guarani (Ita= pedra + curuçá= cruz), logo, a localidade possui esse nome devido possuir inúmeras pedreiras, no seu leito e, também, em suas margens dificultando assim o acesso à comunidade quando a maré está baixa.

A comunidade pode ser acessada pela estrada, a PA/151 (ramal Brasília e ramal Pontilhão), mas também pelos cursos d'água atravessando rios e igarapés, sendo principal o rio Itacuruçá. Atualmente, a comunidade, em sua maioria, é formada por pessoas negras e/ou quilombolas, contando com mais de 280 famílias, conforme dados de 2002 disponibilizado pela Agente Comunitária de Saúde.



Foto: Rettyellem Maciel (2022)

Igreja Católica Nossa
Senhora de Nazaré

Devido a extensão territorial do lugar, as lideranças nomearam áreas em seis setores: Canaã, Nazaré, Santa Maria, Santana, São Domingos e São Miguel, os quais trazem nomes de santos devido à devoção das famílias, inclusive, tais santos recebem festejos em homenagem. Ainda, nesse aspecto religioso, sobressai a ladainha antiga que é um ritual da cultura local vigente na comunidade, com festejo por semanas nos setores.

Nesta comunidade os moradores mantêm uma estreita relação com a natureza, são visíveis os espaços de quintais com árvores, toda uma paisagem de margens de rio e igarapés perfazendo o que intitulam como as *beiras*, áreas de igapós e de terra firme que estão de cima a baixo e, em fluência, com a nascente do rio.

Margem do Rio

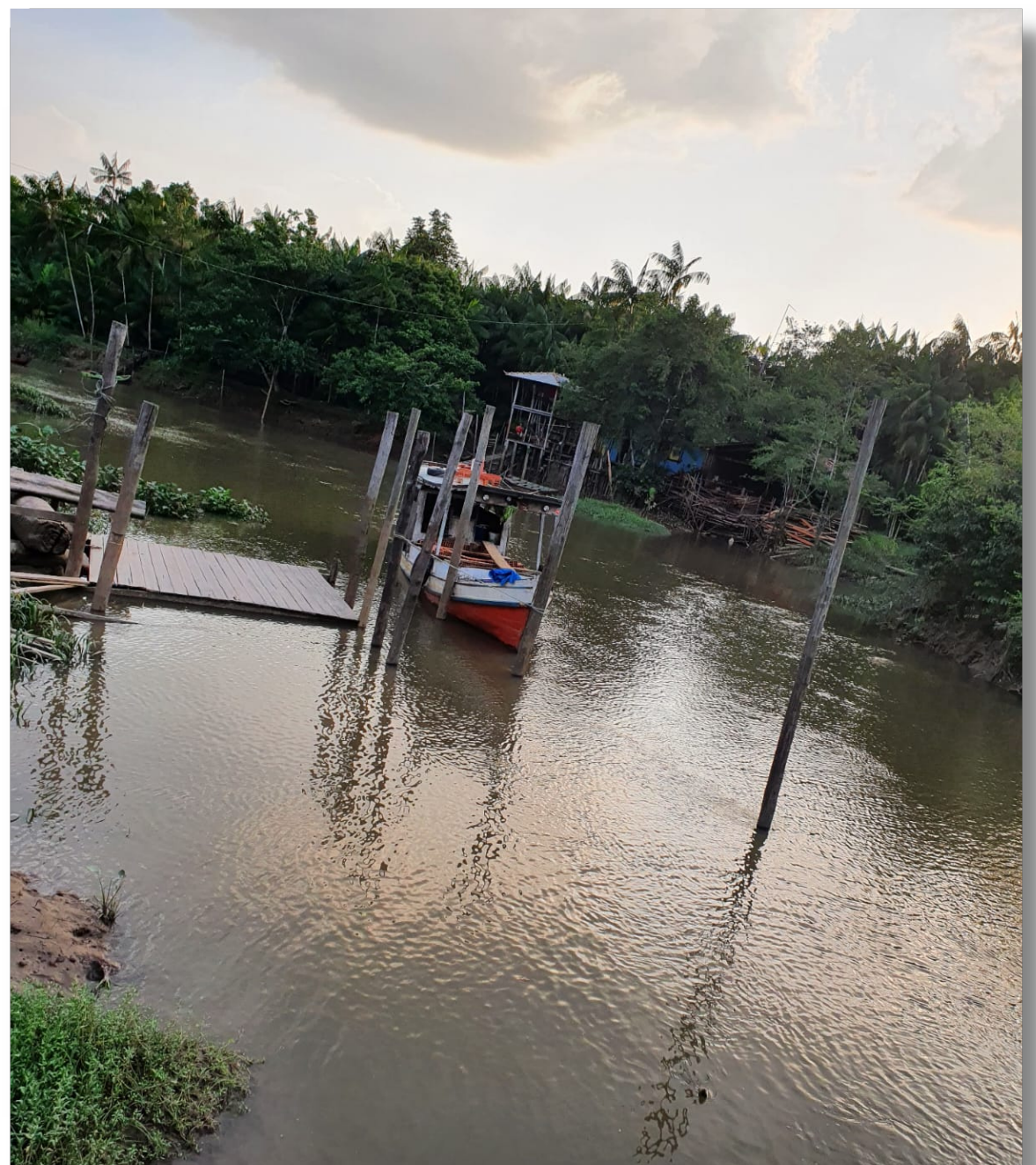


Foto: Rettyellem Maciel (2022)

São ambientes que as crianças também aproveitam para suas brincadeiras, interações, suas vivências infantis, assim acontece o que Brandão (2005) adverte, de transformarmos espaços naturais em espaços sociais. Sobre o assunto, as crianças disseram:

Eu ando na minha bicicleta lá no ramal que tem na frente de casa (Nicolas Pinheiro, 06 anos).

Na minha casa tem espaço, eu posso correr com a minha irmãzinha (Jhenifer de Jesus, 06 anos).

Dá pra brincar na casa das pessoas (Manuella Azevedo, 06 anos)

O Lugar - porque tem o ramal, o rio, as casas. Mas na cidade não tem isso (Elisa).

E ali, (casa com comércio) de noite vende merenda. (Matheus Pinheiro, 06 anos).

Sobre as pessoas do lugar e suas atividades, as crianças nos informaram com base em suas vivências individuais e em família.

O meu irmão Mayko apanha muito açaí. Ele apanha pra beber e pra vender (Madson Pinheiro, 06 anos).

Tem a casa da Santa, que trabalha com a minha mãe (Manuella).

O meu tio Naldo bate açaí. Ele bate pra tomar e apanha açaí pra minha vó (Elisa).

Ainda, das gentes que fazem parte do lugar, elas disseram coisas do tipo: *ali é a casa da tia Raimunda que mora do lado da escola e tem uma venda lá (Manuella).* As crianças citaram a pessoa mais idosa da comunidade: *o vovô Procópio (Elisa).* E mais: *A minha mãe, Ana Roberta joga futebol (Izabela Alves, 06 anos).*

Em cada encontro realizado, as crianças demonstravam um saber desenhado pela realidade social e a partir das experiências de viver ali. Essas vivências se evidenciam também nos desenhos.



Autor: Nicolas, 06 anos

E sobre o rio e suas águas, assim fora destacado pelas crianças: A água tem cor *verde, azul, laranja, preta, marrom, cinza*; *que a água vai tipo uma maresia* (Elisa); *uma maré que leva o barco* (Nicolas); *a água não leva nada, tem que remar, aí que a gente vai* (Manuella). Disseram ainda que dentro do rio tem peixe, *jacundá e Acari* (Elisa). Que a água serve *pra tomar banho, pra nadar; pra beber água; pra remar, pra gente ir para um lugar e para o outro*. (Manuella; Elisa). A Elisa disse ainda que o rio é rio porque *é verde e vai de um lugar para o outro. É só um rio* e, outras crianças responderam *é igarapé*.



Foto: Rettyellem Maciel (2022)

É importante mencionar que mesmo morando na mesma comunidade existe diferença na relação das crianças com o espaço das águas, talvez, pelo que é vivido junto dele.

Meninos e meninas circulam e participam ativamente da comunidade, observando tudo que as cerca, ou como bem afirma Brandão (2005, p. 18) “Aqui eu moro. Aqui eu vivo”. Em outras palavras, tais sujeitos conhecem os espaços do lugar e vivenciam como sujeitos sociais, interativos que são.



O saber-fazer³ com os/as pequenos/as

Adentrando no mundo das crianças percebemos o quanto podemos aprender com elas. No entanto, estabelecer uma relação com elas foi desafiante, visto que elas possuem uma forma singular de ver o mundo que as cerca, por isso, só podemos entender um pouco mais sobre ser criança quando nos tornamos próximas delas.

Nesse sentido, dialogando com elas se estabeleceu um saber-fazer vivenciado e construído de maneira coletiva, de partilha (FREIRE, 1996). Com os/as pequenos/as do Itacuruçá Alto, esses compartilhamentos se deram de uma maneira prazerosa e recreativa, por meio das “oficinas brincar-saber”, cujo ensaio foi de diálogos, escutas e de olhar atento ao que as crianças fazem e dizem, sabem e criam, desejam e ensinam.

As oficinas constituíram-se em encontros formativos entrelaçando o saber-fazer dos infantes unindo o aprender e o brincar, exercitando o intercâmbio de brincades, compartilhando modos de convívio com a natureza sob o olhar/sentir/vivenciar/brincar delas. Dessa forma, fizemos o ensaio de potencializar “aprendizagens de corpo inteiro, onde se desperta a atenção curiosa, a contemplação, as sensações, as emoções, as alegrias” (TIRIBA, 2006, p. 10).

“Os espaços livres e abertos para o brincar, ajudam na promoção da saúde física e mental e no desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais, motoras e emocionais” (BARROS, 2018, p. 19). Para entender um pouco mais dos diversos saberes manifestados pelas crianças dentro da comunidade, montamos roteiros das oficinas procurando explorar o que elas já conheciam sobre o lugar, como interação com a natureza amazônica e suas relações com as pessoas.

³Para Brandão (2009), diz respeito à “gramática dos ofícios entre todos”, de uma espécie de endo-transmissão entre gerações e entre categorias de pessoas; “modos e domínios” a partir dos bens do fruto do trabalho e que entre pessoas fazem circular os rituais do saber. São “técnicas do fazer”, como as formas de uso e manejo dos recursos naturais. Em suma, trata-se de uma “prática do trabalho-ensino”.



Foto: Waléria Silva (2022)

Aula-passeio sobre
plantios e cultivos na
comunidade

Agimos com as crianças, explorando os espaços da comunidade, ensaiando aulas-passeio com visitas a plantios, ao rio e o ramal. Nesse agir, falar sobre a natureza foi a pauta principal, procurando saber da importância que dão para a vida na terra, as pessoas que plantam e cuidam da mata/água/quintal, tudo isso sendo intercalado com o brincar.

No entanto, percebemos um distanciamento no que diz respeito aos saberes locais, a exemplo, o desconhecimento do cultivo de mandioca e da produção da farinha, uma das principais atividades da comunidade. Vimos que algumas crianças não vivenciam mais essa experiência, não acompanham os adultos na roça ou aos retiros de farinha. Na visão de algumas crianças, os utensílios forno e o rodo foram identificados como *uma panela gigante e uma pá* (Elisa). Ou seja, elas/eles pouco sabem sobre como se cultiva e como se produz a farinha, embora seja parte da alimentação deles/delas.

Nesse sentido, concordando com Brandão & Leal (2008, p. 13) “Desejamos lembrar que é preciso devolver a dimensão afetiva e estética do aprender-a-saber aquilo que se ensina-e-aprende [...]”, nesse caso olhando, brincando, apreciando, convivendo com a tradição e costume do lugar.



Oficina sobre plantios e
cultivares da comunidade

Foto: Waléria Silva (2022)

Ainda sobre isso, Brandão & Leal (2008) deixam claro que:

[...] a educação é um dos fatores mais centrais e importantes na preservação, na integração e na transformação dos feixes e das redes de saberes significados, valores e habilitações que acabam por atribuir a uma comunidade, a uma sociedade, a uma época da história humana, parte da essência de sua própria identidade, de seu modo de ser, pensar e viver, de seu “ser”, enfim” (BRANDÃO & LEAL, 2008, p. 17, grifos dos autores).

Logo, é preciso que as crianças aprendam dos fazeres cotidianos do lugar, aprendam dos costumes, dos processos de luta e resistência do sujeito do campo, do trabalho, do cultivo. Enfim, aprendam a valorizar gostando de toda rede de saberes partilhados e vividos no lugar, começando pela ação pedagógica informal e de transmissão que acontece dentro de casa.



A criança que vive no Itacuruçá Alto

Além do sustento, os adultos aproveitam o meio natural se entretendo, apreciando a paisagem ou escutando a cantoria de pássaros, enquanto as crianças se deliciam com banho-brincar no rio e demais peripécias na terra, campos e quintais. A maioria das crianças são filhos e/ou filhas de agricultores, que são as pessoas que plantam, cuidam e se alimentam da terra.

Sobre essa afeição com o ambiente natural, elas declaram: *eu gosto, pra jogar bola. Eu gosto de pedalar com a minha mãe. Ainda sobre o assunto, responderam dá pra ver as pessoas jogando bola, dá pra pedalar, dá pra vim pra cá pedalando. Sobre a diferença entre a comunidade e a cidade, as crianças disseram: na cidade a gente não tem nenhum amigo (Hechillem Martins, 06 anos). Em casa é melhor, porque em casa é grande e dá pra mim pedalar (Hechillem).*

pertencimento

natureza

apreciar



lugar

vida no campo



Sobre Quilombola

Quilombola são pessoas negras que nascem aqui no Itacuruçá, mas também significa um símbolo de luta, tipo zumbi [Zumbi dos Palmares] (Elisa)

Contam alguns moradores que após visitas à comunidade e conversas com pessoas do lugar, os padres da igreja católica começaram a perceber que os residentes não possuíam nenhum documento da terra⁴ e, em sua maioria, eram pessoas negras. Também, considerando a vulnerabilidade social do lugar, a igreja católica convocou a Comissão Pastoral da Terra (CPT),⁵ visando a regularização do território como quilombola, e somente mais tarde a comunidade foi titulada e reconhecida pela Fundação Palmares (1957).

Um território quilombola

"[...]se constitui a partir de uma porção específica de terra acrescida da configuração sociológica, geográfica e histórica que os membros da comunidade construíram ao longo do tempo, em sua vivência sobre a mesma. Assim, sendo, um território seria um ente que sobrepõe a terra e a carga simbólica agregada a mesma, a partir de seu uso pleno e continuado pela ação de um determinado grupo humano" (INCRA, 2017, p. 07).

Nesse sentido, é importante ressaltar que o território não é apenas a terra, mas tudo aquilo que existe dentro dele como as pessoas, o modo de viver, a cultura, a produção, as tradições, as relações sociais entre outras. Isto posto, o que torna o Itacuruçá Alto um território quilombola é o reconhecimento e a autoidentificação como descendente de quilombolas, reconhecendo suas raízes ancestrais.

O processo de titulação da terra/território ocorreu em etapas. Primeiro, houve uma assembleia registrada em ata deliberando com os moradores a aceitação da comunidade se reconhecer como quilombola, e oficializar os representantes escolhidos para a criação da ARQUILA. Na segunda etapa, a titulação foi encaminhada ao Instituto de Terras do Pará (ITERPA) para reconhecer a área geográfica do território.

⁴Ocuparam a área territorial e passaram a cultivá-la.

⁵Instituição que auxilia na luta dos Povos Tradicionais.



Foto: Rettyellem Maciel (2022)

Por fim, houve a criação da Associação Remanescentes de Quilombo das Ilhas de Abaetetuba (ARQUILA), criada para que o título da terra pudesse sair. O órgão competente fez a titulação baseado na convenção 169. Em 2001, a associação constituiu a representação das dez comunidades que são: Itacuruçá Alto, Médio, Baixo, Ipanema, Arapapuzinho, Arapapu, Tauerá-Açú, Acaraqui, Ginipauba e Bom Remédio.

Embora as crianças não conheçam muito a respeito de (ser) quilombola, as opiniões foram diversas. Novamente, a menina Elisa, nos explica assim:

Existe pessoas negras que não são quilombolas, tem pessoas negras que gostam de ser quilombola, mas outras não. Quando elas não gostam de ser quilombola é porque elas não devem gostar muito da cor delas e, por isso, elas não devem gostar muito de ser quilombola. Quilombolas são pessoas negras.

É uma pessoa negra que também gosta da sua raça, do seu corpo [...]. Tem algumas pessoas que não gostam do seu corpo e, começam a tirar a pele, aí a pele fica branca. A minha pele é clara, mas não precisa tirar nossa pele porque diferente é bom, a gente descobre mais sendo diferente. A mamãe ela tem uma cor meio preta só que é meio amarelada e ela gosta. As cores negras são cores muito bonitas e, também, cores brancas, amarelados, roseados. A minha vó ela tem olhos brancos, mas só que meio azulados, ela é menos negra que o papai.

O papai é muito negro, ele tem uma cor muito forte. A minha mãe com a cor do meu pai se tornou a minha cor, por isso eu sou assim, aí é a cor da minha melanina. A cor do meu corpo é a cor da minha melanina, e a cor do seu corpo é a cor da sua melanina.

Por meio desse diálogo, percebemos que a menina se identifica como pessoa negra, como quilombola e conhece um pouco da sua própria história.



A natureza do Itacuruçá Alto



Foto: Waléria Silva (2022)

A natureza na visão das crianças é rica de elementos naturais, objetos, pessoas, casas. Em outras palavras, tais sujeitos a enxergam na cotidianidade do que vivenciam, seja na água ou na terra. São experiências que traduzem conhecimentos diversificados, como aprender os nomes de peixes, das árvores, dos pássaros entre outros.

*Natureza é mato e as árvores (Nicolas).
O rio também é (natureza). No rio têm muitos peixes e deveria ter desenhado eles no mapa porque os peixes também aparecem. Peixe agulha, peixe espada (Elisa).*

*Eu já vi um peixe agulha lá na minha casa, eu tentei pegar ele, mas ele me furou (Madson).
Na natureza se escuta o som de passarinho. O nome dele é passarinho. O vento faz barulho. O barulho do vento é xiiiiiiiiii, bate até na árvore. (Izabella).*

*As árvores estão balançando, batendo uma na outra (Manuella).
Tem rio, igarapé e muitas casas, mas também tem peixe, tem tubarão lá no rio que eu vou tomar banho com a minha mãe (Manuella,) Sobre o remo é uma coisa que pilota a canoa, que a gente fica no piloto remando (Elisa).*



Os plantios identificados pelas crianças foram *coqueiro*, *árvore de cupuaçu*. Ali tem *árvore de manga*, eu gosto de *manga* (Manuella). Tem uma *árvore amarelinha* ali, mas eu não sei o nome. Ela identificou ainda, a *árvore de macaco* (*ameixeira*). Segundo a professora, a criança chama assim devido os macacos sempre estarem nessa árvore.

Outra criança disse tem a *árvore de inverno* (*árvore de Ingá*) porque *caem as folhas no chão* (Manuella).





Sobre costumes e tradições da comunidade



Autora: Manuella, 06 anos

As tradições e costumes são partes da identidade de um lugar ou mesmo aquilo que o caracteriza. Podemos dizer que são crenças, conhecimentos que vão sendo partilhados, recriados pelas pessoas de uma determinada comunidade de pessoas e,

[...] assim, renova a tradição; aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para consagrar como valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado um saber socialmente consagrado (BRANDÃO, 1983, s/p).

Esses saberes e memórias, muitas vezes são passados adiante oralmente e se tornam algo conhecido por todos no lugar. Em um diálogo informal com a moradora e voluntária do projeto, Rettyellem Maciel Rodrigues, ela nos explicou que na comunidade, as crianças reproduzem as tradições locais, principalmente, nas brincadeiras em mediação com a natureza. Por isso, as crianças utilizam gravetos, folhas e pedaços de tábuas para suas artes criancieira; o contato com as águas acontece ainda que em menor grau; praticam brincadeiras como de casinhas, de barco, de *formô* entre outras. Esta última, tem sido reinventada com o passar dos anos, pois as próprias crianças alteram as regras de acordo com os brincantes e o espaço.

As crianças também reproduzem ações praticadas por seus pais como a de pegar passarinhos e aprisioná-los em gaiolas. Experimentam a colheita de frutos das árvores com apoio de varas ou com o corpo subindo em tronco de árvores etc.

Algo bastante comum na comunidade é o respeito aos mais velhos, ensinado às crianças desde cedo. Um exemplo disso, é que quando as crianças chegam na escola elas tomam benção das professoras como forma de mostrar respeito, sendo uma prática antiga em vigor, ainda que não seja todas as crianças que façam isso.

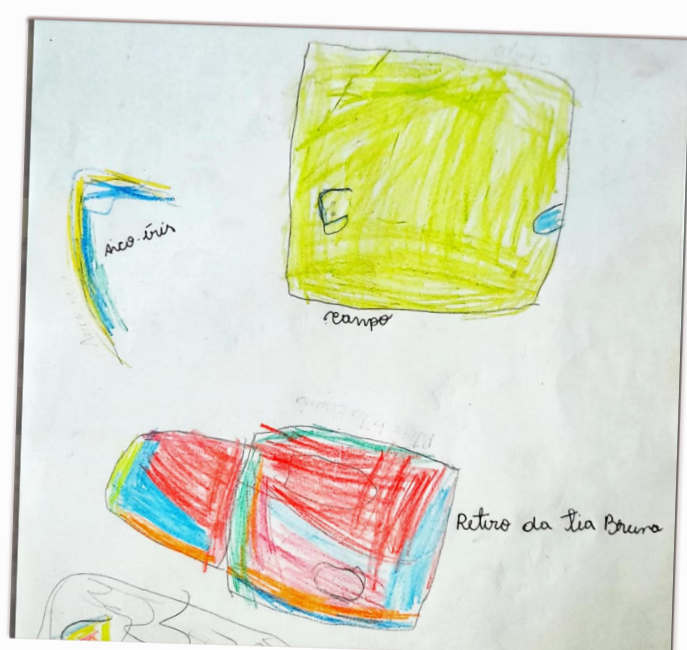
Em síntese, há uma tradição sim, reinventada que passa pelo brincar das crianças com seus elementos novos e os tempos antigos sendo o *formô* um brincar tipicamente quilombola. A produção cultural do lugar com a roça, a produção da farinha, o banho de rio, as conversas no fim da tarde etc., são práticas exercidas pelas pessoas da comunidade e que as crianças observam e vão interagindo.

Há uma coletividade sendo gestada pelos moradores da comunidade no sentido da ideia de pertencimento e do (ser) quilombola.



Autora: Elisa, 07 anos

Desenhos dos espaços da comunidade





O brinquedo chamado natureza

O rio embala,

o vento acalma

a chuva lava

(Eliana Pojo, 2023).

Além dos espaços ao ar livre fazerem parte do que gostam as crianças, a natureza como brinquedo também integra o seu saber-fazer associado, obviamente, às ideias que elas criam. A natureza como brinquedo significa usufruir, sentir, transformar, vivenciar os espaços naturais; significa a arte criancieira de transformar elementos em brinquedos, como a areia, as flores, as árvores.

A natureza como brinquedo inventa o brincar, reinventa os artefatos do brincar com o que o ambiente natural dispõe. Exemplo, próximo da escola existe um buraco de folhas embaixo de uma grande mangueira, e esse espaço simples ganhou a preferência das crianças durante as oficinas, solicitado por elas para brincar lá.

Buraco de folhas
*Legal. Esse buraco na
gente (Manuella)*



Foto: Waléria Silva (2022)



Foto: Waléria Silva (2022)

Sobre a interação com o buraco elas manifestaram de vários jeitos, ser revigorante pisar na terra,
ela é fria; é tão gelada parece aqueles geladinhos que a gente compra; ela raspa, é áspera; é quente.
Serve pro cachorro, pra nós, pro cachorro quando tiver muito quente, tiver muito calor; ele se estrega na terra;
A folha é espinhenta e maciã (Manuella, Nicolas e Elisa).



Foto: Eliana Pojo (2022)



Autor: Nicolas, 06 anos

Ao brincar no buraco usam galhos, folhas e o bode,⁶ brincando com gargalhadas, gritos, explicações, conversas, olhares, corpos deslizando naquele buraco.



Foto: Eliana Pojo (2022)

⁶Nome dado por elas para identificar o bocó do açaizeiro, a barquinha.

Exemplificado pelo brincar livre e criativo das crianças, por este buraco de folhas, percebemos claramente o que intitulamos de brinquedo chamado natureza, devido a relação íntima e direta com o natural e simples.

Foi uma experiência de inteireza, pois as crianças pulam, correm, rolam e se divertem como querem, usam o corpo para sentir as folhas. Ali a natureza é vivida plenamente por elas, sem interferência do adulto ou o uso de outro recurso, tão somente aquele espaço-lugar-elemento.



Foto: Waléria Silva (2022)

Cavalinho feito do bocó do açaizeiro



Foto: Waléria Silva (2022)

Cavalinho do bode do açaizeiro, que a gente amarra um fio e depois amarra num pau e senta (Hechillem).



Intercâmbio de brincares

Brincadeiras e interações. Qual sua importância? porque,

[...] Somos quem somos porque aprendemos-e-ensinamos por meio de interações entre os nossos corpos, nossas mentes, nossos espíritos. Somos quem somos porque aprendemos-a-saber em contextos extra-somáticos, isto é, no intervalo entre o mundo da natureza que nos é dado e os mundos de cultura que construímos e transformamos [...] (BRANDÃO & LEAL, 2008, p. 14).

Brincadeiras e interações são eixos principais do/no currículo da Educação Infantil, porque as crianças vivem tais processos em plenitude. Também, foi para nós nas oficinas. Cada encontro formativo significou intercambiar saberes, brincares, aprendizados. A vivência do brincar pelo que praticam e gostam, pelo que desconhecem e aprendem, pelo sentido coletivo e de parceria com todos. O brincar na e com a natureza compõe sua identidade social (de grupo), pois ali elas aprendem a ouvir o outro, a compreender opiniões diferentes e pôr em pauta as suas.

Que brinquedos/brincares estão presentes no cotidiano das crianças?

Futebol
Pira esconde
Pira bola
Andar de bicicleta
Pira pega, Queimada
Corrida no campo
Pira cola Nadar

E mais:

[Mata no meio]. A gente joga a bola até chegar em 05 e depois tem que acertar em quem tá no meio (Manuella).

[Brincadeira do taco]. Taco, a gente pega duas garrafas, dois tacos e uma bola. O outro fica aqui e o outro vai no taco, se o outro de trás jogar, o outro tocar vai bater, mas se ir pra trás o outro pega e joga. Tem que mirar na garrafa pra acertar. O taco serve pra tocar longe e, quando vai longe, eles batam em seguida. (Nicolas e Fabrício).

[Pira garrafão]. Pega uma garrafa coloca no meio. A gente tira qual é a mãe, mas se eu jogar pra lá eu me esconder, o Fabrício vai ter que me achar, mas se eu chutar a garrafa aí eu ganho. Se ele me achar e bater ele ganha (Madson).

[Cinco pedras]. A gente faz um quadradinho e faz um círculo assim bem no ladinho, mas o outro tem que ter a bola. Se ele jogar e cair todas as pedras, e se o outro arrumar todas as pedras ganha, mas se ele ficar arrumando o outro acertar a bola no outro, aí ele perde. Tem que fazer uma linha aqui e outra aqui, se algum acertar o outro tem que correr e acertar, e o outro tem que colocar todas as pedras. Uma pedra aqui, uma pedra aqui, e uma pedra aqui e ganha (Nicolas).

Elisa: *eu brinco de jogar miriti no rio.*



Foto: Eliana Pojo (2022)

Nicolas explica o *formô*, que é uma brincadeira com duas equipes e que: *não tem que deixar o outro passar [...] Se tirar o pé da linha queima. Pra fazer é assim: um quadrado, a linha, depois faz uma cruz pequena e o outro fica no meio. Precisa ficar na linha, não tem que deixar passar, mas se pegar o outro, volta pra linha.*

Para ganhar a brincadeira tem que deixar todos passarem pra trás. O menino disse que brinca na casa dele e que aprendeu com o pai.

Todos os encontros encerravam com o brincar livre, onde as crianças exerciam seus brincares praticados no dia a dia, em casa com a família, com os pares, na escola e na natureza. Socializamos brincares como a galinha do vizinho, pegue o bastão, terra/mar e boliche cego, os quais foram ganhando novos nomes e formas de brincar à medida que as crianças interagiam com os materiais, com as regras e construíram relações com suas próprias práticas brincantes.

Foi o que aconteceu com a brincadeira africana saltando o açaí (adaptada), onde foi intitulada pelas crianças como ioiô. Também, a do bastão que se transformou em espada e cavalinho (Madson). E a brincadeira Terra/mar, anunciada como *terra pra cá, mar pra lá* (Elisa).

Por meio das interações e brincadeiras entre elas que as experiências de mundo são trocadas.



Foto: Waléria Silva (2022)



Foto: Waléria Silva (2022)



Foto: Waléria Silva (2022)

Brincar. Interagir. Sentir a natureza. Combina com lazer, assim:

[...] Viver o lazer era dar-se tempo e cuidado para aprender com o corpo e com o espírito o sentido essencial das coisas da vida por meio de atividades coletivas e compartilhadas entre iguais, entre grupos ampliados de companheiros[...]. (BRANDÃO & LEAL, 2008, p. 10.)

Que tal então, tomarmos a natureza como uma sala de aula
ou um laboratório vivo de aprendizagens, brincares e
interações?

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; LEAL, Alessandra. Com saber, sentido e beleza: a arte e a educação. In: Revista diálogos, 2008. In: <https://portalrevistas.ucb.br>. Acesso em 22 de janeiro de 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. 2ª ed. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

BRANDÃO, C. R. Os mestres da folga e da folia. In: SAMPAIO, A. et al. Estrutura e processos sociais de reprodução do saber popular: como o povo aprende? 2. ed. Campinas: Vozes, 1983.

TIRIBA, Lea. Crianças, natureza e educação infantil. 29ª Reunião Anual da Anped, 2006. Falta os dados

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA/INCRA. Regularização de território quilombola. Brasília: INCRA, 2017.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BARROS, M. I. A de. Desemparedamento da infância. A escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ/ITERPA. Informações de Territórios Quilombolas no Pará. Pará: ITERPA, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/UFGPA. Projeto de Extensão “Oficinas de brincar-saber: vivências com a natureza por crianças da comunidade do mutirão, Abaetetuba-PA”. Abaetetuba: UFGPA, 2022 (mimeo).



O Grupo de Pesquisa e Extensão “De Bubuia Amazônica” – infâncias, territórios rurais e processos educativos e culturais



Universidade Federal do Pará
Pró-Reitoria de Extensão
Diretoria de Programas e Projetos